

O PAPEL DAS MULHERES DA NAZARÉ NA ECONOMIA HALIÊUTICA ¹

A dicotomia homem-mulher marca o conjunto da vida colectiva na Nazaré. Descrever as suas formas e as suas manifestações significa definir as relações estabelecidas entre os grupos, suscitadas pela divisão do trabalho e perguntar qual é a função dessa divisão. A participação das mulheres nazarenas na economia da pesca foi fundamental durante muito tempo. Essa actuação é expressa numa omnipresença nas actividades ligadas ao mar, mas realizadas em terra, onde o produto da pesca e os seus resultados escapavam ao controlo dos pescadores. Todas as fases da cadeia técnica, do desembarque do produto até ao consumo, passando pela sua transformação e a sua comercialização, eram feitas por mulheres. O seu ganho, ainda hoje, contribui para a renda familiar, às vezes sendo o único rendimento da família, vista a natureza aleatória do ganho do pescador. Quem administra essa renda são as mulheres, situação que ratifica o seu poder e que é utilizada por elas para perpetuá-lo. As mulheres dos pescadores estabeleceram todo um conjunto de estratégias, permitindo-lhes ganhar dinheiro, economizar para os tempos difíceis. Assim as suas competências estendem-se a outras actividades, em particular a do turismo, que é a outra actividade económica de importância na Nazaré.

Christine Escallier

Quando a sobrevivência de uma comunidade depende da exploração aleatória das riquezas do mar, o conjunto dos seus membros participa directamente do esforço da pesca. Ao estudar a organização social e económica das práticas haliêuticas e, portanto, as relações homem-mulher, o estatuto e a função de cada um, observa-se que as mulheres detêm frequentemente funções técnicas, sociais e económicas no seio das comunidades marítimas.

Na Nazaré, a conquista do “ofício” depende da participação estreita das mulheres na produção e, por conseguinte, dessa divisão sexual do trabalho que faz com que os homens trabalhem no mar enquanto as mulheres desenvolvem as suas actividades em terra. As nazarenas, durante muito tempo, encarregaram-se de diversos serviços, tais como o transporte, a transformação e a comercialização do peixe. Com o tempo, as suas actividades económicas diversificaram-se. Actualmente, elas fabricam e consertam as redes. Porém as suas competências estendem-se a outras

¹ Este artigo resulta da investigação realizada pela autora na Nazaré (Portugal) com vista à elaboração da sua tese de doutoramento. Para uma abordagem mais completa das questões aqui tratadas, cf. Escallier 1995, onde poderão ser encontradas igualmente outras referências bibliográficas pertinentes.

actividades, em particular ao turismo, que cria empregos àquela maioria feminina.

As mulheres de pescadores possuem a grande responsabilidade de fornecer o que o mar não lhes pode oferecer: uma renda regular. Dito de outro modo, ambicionam o dinheiro e o poder que este possa proporcionar.

Mulheres de corrida e peixeirinhas: as peixeiras da Nazaré

A venda do peixe no mercado da Nazaré encontra-se nas mãos de um pequeno número de mulheres de pescadores. Catorze delas alugam um local ao ano e outras sete vêm juntar-se-lhes no Verão. Vendem peixe fresco comprado na lota e peixe seco que elas mesmas expuseram ao sol, na praia. Há um único homem entre essas mulheres, o vendedor; no entanto, este não se apresenta como transformador, vendendo bacalhau salgado.

Segundo a hierarquia social em vigor na comunidade dos pescadores da Nazaré², existem dois tipos de vendedoras de peixe, que dividem entre si a clientela local e regional. As mulheres dos pescadores que pescam com linha e anzol vendem peixes nobres – pescada (*Merluccius vulgaris*, Flem.), peixe-espada (*Lepidopus lusitanicus*, Leach), xaputa (*Brama raii*, Bloch, 1971) – e aquelas cujos maridos pescam com redes de cerco vendem sardinhas (*Clupea pilchardus*, Willug.) e carapaus (*Tachurus picturatus*, Bowdich, 1825).

As mulheres que possuem uma empresa (significando que os seus maridos são proprietários de uma embarcação) não gostam de vender os seus próprios peixes porque elas não querem que os demais pescadores possam imaginar que durante a pesca e a divisão o marido rouba peixe para dar à sua esposa. Trata-se de uma questão de correcção e todas as mulheres da Nazaré respeitam isso. Elas podem, rigorosamente, comprar o peixe proveniente das próprias embarcações dos seus maridos na lota, porque assim, tudo é feito perante os olhares de todos. A compra concretiza-se então publicamente, porém, em geral, elas não gostam disso, preferindo comprar o peixe de outros (filho de pescador, 42 anos).

Note-se que esta prática é original, pois em outras comunidades as mulheres armadoras têm, pelo contrário, o hábito de vender a produção das “suas”

² A posição de cada indivíduo é definida segundo as tarefas que este cumpre no seio da comunidade. A hierarquização está presente nos diferentes ramos de actividades, mas também no interior de um mesmo ramo profissional. Considera-se que os pescadores que pescam à linha fazem parte de uma elite, seguidos dos que utilizam redes. Em último lugar encontramos os pescadores que exercem a sua actividade a pé, nas margens do rio ou da praia. A distância das peixarias e o tamanho dos utensílios de pesca são também levados em consideração. Os pescadores de alto mar e os pescadores que utilizam as grandes redes de cerco costeiras estão à cabeça de cada uma das suas categorias, marcando assim uma superioridade sobre aqueles que pescam nas proximidades da margem com pequenos instrumentos. As actividades femininas estão classificadas em cinco categorias, de acordo com critérios semelhantes aos que são usados para definir as categorias masculinas.

próprias embarcações. Actualmente, essa prática já não tem razão de ser, pois o peixe é descarregado directamente no cais e passa muito rapidamente para a venda na lota. No passado, as esposas dos mestres, que esperavam na praia o retorno das embarcações, tinham um acesso directo ao produto e poderiam “servir-se” antes que os cabazes de peixe fossem conduzidos até ao lugar onde se efectuava a venda. Mas os testemunhos indicam que mesmo quando a tripulação era constituída por apenas um homem, o patrão de pesca vendia a sua produção na lota e não à sua mulher – seriam assim as outras mulheres da comunidade a ocupar-se da venda daquele peixe.

Até à construção de um porto, em 1985, estas mulheres, peixeiras e vendedoras, dividiam entre si o produto da pesca e controlavam assim o comércio e a distribuição do peixe. A distribuição do peixe para fora da Nazaré ficava nas mãos de “empresas pequenas”, termo usado para designar mulheres de pescadores, contrapondo-se-lhes as “empresas grandes”, comercialmente estruturadas, providas de uma base financeira sólida, meios de transporte próprios, depósitos e pessoal assalariado, cuja direcção ficava, e ainda fica, a cargo de grossistas. Em 1955, contavam-se cerca de 450 “empresas pequenas” e apenas uma dúzia de “empresas grandes”. A essas diferenças de organização e de dimensão – empresas familiares e grandes empresas – correspondiam capacidades de compra muito distintas.

O que deu renome às vendedoras de peixe da Nazaré, não foram apenas as suas actividades enquanto comerciantes (banais entre mulheres de pescadores), mas sobretudo a criação de uma verdadeira rede de distribuição que superou a escala local.

Apesar das incertezas ligadas ao mar, a Nazaré sempre cumpriu um papel relevante no abastecimento de peixe de Leiria³. No passado, paralelamente às “peixeiras” sedentárias, que escoavam directamente a sua mercadoria para o mercado local, existiam dois outros tipos de peixeiras ambulantes, que vendiam no mercado exterior à cidade: as “mulheres de corrida”, que partiam a pé pelas estradas para vender o peixe nas aldeias vizinhas, e as “peixeirinhas da semana”, que vendiam o peixe fresco ou seco num dos mercados da região em determinado dia da semana, ocupando-se nos restantes dias a preparar o peixe para a venda do “dia de mercado”. As mulheres de pescadores designavam as suas actividades pela expressão “ir fora” ou “ir de corrida”. Elas abasteciam geralmente toda a região da Nazaré⁴, enquanto as grandes empresas abasteciam quotidianamente as demais localidades.

As mulheres que partiam de madrugada para vender o peixe fora da Nazaré compravam a sua mercadoria na véspera. Quando partiam à tarde

³ A comunidade da Nazaré está situada a norte de Lisboa, no distrito de Leiria.

⁴ As cidades e vilas de Fátima, Leiria, Alcobaça, Batalha, Caldas da Rainha, Maceira...

ou ao cair da noite, como acontecia em período de abundância, o peixe era então do próprio dia:

Elas levantavam-se às 6 horas da manhã e saíam para comprar o peixe na lota. Salgavam-no para que se conservasse durante a viagem e colocavam-no em cestas ou em barris de metal. Transportavam quatro ou cinco cestas. Às oito horas, partiam a pé para Alcobaça. Percorriam até 20 ou 25 quilómetros por dia. Chegavam às cinco da tarde e vendiam-no de porta em porta. Elas abordavam as clientes assim: 'Querida, amor, tenho aqui peixinho fresco!', e as clientes vinham à rua. A vendedora nem sempre tinha uma balança. Ela vendia então o peixe, sardinhas e carapau, por meia dúzia, uma dúzia ou por vinte e cinco ou cinquenta, e as maiores postas à unidade; depois, mais tarde, pelo peso (lembrança dos anos 60 de uma peixeira de 59 anos).

O peixe era cuidadosamente transportado num tipo de gigo – cesto oval feito de varas de vime entrelaçadas – chamado "costal" ou "canastra". Quando as peixeiras iam à lota para vender o seu produto levavam sardinhas e carapaus que carregavam sobre a cabeça, "com um elegante equilíbrio", dizem as nazarenas.

Quando havia peixe em abundância, as "peixeirinhas da semana" vendiam também ao longo do percurso até ao mercado:

As mulheres, ao longo do caminho, reencontravam não só as clientes habituais, mas também novas compradoras. Elas apregoavam o produto pelas ruas dizendo: 'Quem quer sardinha fresquinha?' Em seguida negociavam o preço com a cliente.

Elas caminhavam em pequenos grupos, falando e rindo para passar o tempo, porém essa proximidade de várias vendedoras podia gerar conflitos entre si porque, afinal, disputavam as clientes. Paravam às vezes no caminho para se sentarem e repousar por alguns instantes. Em geral, não paravam para se alimentar. Costumavam atenuar a fome com alimentos pobres e escassos que carregavam consigo e algumas frutas que colhiam ao longo dos caminhos:

As mulheres que faziam o percurso a pé raras vezes levavam consigo um pedaço de pão. Não se alimentavam. Porém, às vezes, as clientes ofereciam-lhes sopa ou pão e, estas, em troca, ofereciam-lhes um bom preço no peixe. Havia peixeiras que guardavam um peixinho que assavam na casa de uma cliente. As clientes por vezes ofereciam-lhes presentes – batatas, feijão – que elas levavam para casa. Em geral, elas estavam quase sempre certas de que seriam alimentadas durante o percurso (filha de peixeira, 45 anos).

O peixe era normalmente vendido a crédito. Várias das vendedoras não sabiam ler nem escrever, mas no entanto não tinham dificuldade em ocupar-

-se das suas contas. Identificavam as suas clientes graças a pequenos sinais que permitiam distingui-las – unhas pintadas, cor dos olhos, estatura – ou por uma grande variedade de atributos que elas podiam reconhecer – forma de se vestir, uso de jóias... Quando regressavam a casa pediam a um membro letrado da sua comunidade para anotar as suas observações num caderno especial, onde eram cuidadosamente registadas as características de cada cliente devedora. A presença de uma testemunha no momento da venda, de outra vendedora por exemplo, permitia-lhes também assegurar a boa fé das partes presentes.

As pernas dessas mulheres eram verdadeiros meios de transporte, tal como as embarcações de pesca eram o prolongamento das pernas dos homens. Enquanto os pescadores iam para o mar à procura de peixe, as mulheres partiam pelos caminhos, em terra, à procura de clientes. Uns e outros aprenderam a desenvolver, fora dos limites do espaço comunitário, actividades onde a divisão e a diferenciação das tarefas os torna elementos complementares de um grupo social coerente.

Mas o período em que as nazarenas iam a pé vender o seu peixe, percorrendo dezenas de quilómetros todos os dias, revelando a vontade e o vigor singular dessas mulheres determinadas, acabou. Depois de ter caminhado durante um bom período por estes caminhos, as vendedoras começaram a fazer os percursos em carroças puxadas por um burro. Mais tarde, passaram a utilizar os transportes públicos para as ligações regionais. Mas a pé, sobre as costas do burro ou mesmo em carroças, as vendedoras não podiam concorrer com verdadeiras empresas, que dispunham de um moderno sistema de distribuição. Por essa razão, elas foram obrigadas a abandonar aos poucos as suas actividades. Algumas conseguiram adaptar-se às mudanças. Actualmente, as “mulheres de corrida” e “peixeirinhas da semana” que restam tomam o autocarro na Nazaré. Apenas algumas peixeiras tiveram possibilidade de investir na carta de condução e na aquisição de uma carrinha, que se mantém junto ao mercado.

A criação de um complexo portuário moderno, respondendo às novas exigências de uma política europeia, resultou directamente no distanciamento das mulheres do local de desembarque da produção haliêutica – que era anteriormente a praia⁵. A informatização da nova lota modificou as modalidades de compra do peixe. As nazarenas mais idosas, na sua maioria analfabetas, não conseguiram adaptar-se aos novos métodos e abandonaram

⁵ A perspectiva da entrada de Portugal na CEE é percebida como uma benfeitoria para as actividades pesqueiras nacionais. Um plano especial de modernização dos portos está a ser posto em prática e o governo investe cinco vezes mais do que no restante do sector pesqueiro. Grandes trabalhos são criados em Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Matosinhos, Aveiro, Figueira da Foz, Peniche, Portimão, Olhão e Nazaré, oferecendo assim à flotilha de pesca portuguesa portos bem adaptados onde são postos à disposição dos utentes uma organização eficaz, uma infra-estrutura e modos de manutenção modernos.

esse sector. Novos compradores, intermediários e profissionais do comércio pesqueiro apoderaram-se desse mercado de distribuição.

Assim, as mulheres que dominaram o mercado de trocas – compra e venda – do peixe constituem hoje uma minoria nos locais de troca tradicionais, sendo o mercado municipal o derradeiro domínio a elas reservado. Os mercados por atacado estão, desde o início dos anos 70, nas mãos dos negociantes e vendedores das “empresas grandes”, papéis mantidos por homens de fora da vila. Quanto aos mercados nacionais, estes estavam já, desde o início do século, nas mãos de famílias comerciantes desprovidas de qualquer laço com a comunidade piscatória – excepto o do produto que exploravam.

As nazarenas e as suas estratégias de sobrevivência

As mulheres de pescadores estabeleceram todo um conjunto de estratégias que lhes permitiam ganhar dinheiro e economizar para os tempos difíceis. Legais ou ilegais, esses métodos tornaram-se, em grande medida, usuais.

Um mercado paralelo: a venda da caldeirada

A prática mais comum exercida pelas mulheres de pescadores é a venda de uma parte da “caldeirada”, quinhão de peixe que os homens recebem no final de cada jornada de pesca. Este quinhão é uma parte do volume global de peixe fresco pescado no curso de uma maré e é retirado antes de o peixe ser levado para a lota. É uma contribuição para a alimentação dos pescadores da companhia, cuja origem pode ser encontrada nas práticas usuais da pesca de subsistência. O quinhão é um elemento indispensável no sistema de “pesca à parte”. Na Nazaré, a “caldeirada” é extraída no primeiro lançamento de rede. Assim que o peixe é retirado da água, é separado. As espécies seleccionadas são geralmente pequenas, como a sardinha e o carapau, pois o peixe nobre é normalmente destinado à venda.

A “caldeirada”, que os pescadores entregam sempre às suas esposas, é utilizada na alimentação diária da família. No entanto, as mulheres possuem o hábito de vender uma parte. No passado, esse dinheiro permitia-lhes a compra de produtos básicos como o sal, o azeite e o pão. Hoje as mulheres economizam para poder comprar artigos diversos (de casa ou fancaria). Em período de crise económica, o dinheiro torna-se às vezes raro, e as mulheres viram-se por vezes obrigadas a pagar alguns serviços em produtos. Durante as duas grandes guerras mundiais, o peixe da “caldeirada” era usado como moeda de troca.

Tolerada, embora clandestina, a venda de uma parte da “caldeirada” pratica-se desde sempre e as autoridades locais fecham os olhos quando, ao virar da esquina, surpreendem um ajuntamento de mulheres em pleno conluio. Algumas das mulheres que vendem o quinhão chegam a instalar-se à entrada do mercado municipal, a apenas alguns metros dos balcões de peixe, competindo com os vendedores cadastrados. Para evitar conflitos com as peixeiras, outras escolhem vender o seu peixe na rua do mercado, em virtude da sua grande frequência. Situadas contra um muro ou na esquina de uma loja, elas praticam o seu comércio, totalmente ilegal, a alguns metros do posto policial, usando um alguidar de plástico colocado aos seus pés, no interior do qual se misturam linguados, cavalas ou polvos – a maior parte das vezes, qualquer peixe miúdo, denunciando imediatamente a sua origem: trata-se de peixe da caldeirada. Coloca-se contudo a questão da origem do peixe-espada vendido nas ruelas da Nazaré, tendo em conta que este peixe não é pescado neste local há já algumas décadas. Só os barcos vindos de outros portos da região podem abastecer este mercado quando vêm descarregar a sua mercadoria na lota da Nazaré. Facilmente se conclui que as mulheres que vendem na rua não comercializam apenas o peixe do quinhão; abastecem-se também na lota para alimentar o seu pequeno comércio paralelo.

Essa forma de escoamento clandestino, a que a comunidade chama “vender a candonga”, tem pouca influência sobre o preço dos mercados oficiais, visto que o quinhão se apresenta em pequena quantidade e raramente é constituído por “peixe grosso”. Porém, o facto de as mulheres venderem de vez em quando um linguado (*Solea vulgaris*, Quensel, 1806) ou um robalo (*Labrax lupus*, Cuv. & Val.) pode influenciar a renda global das famílias de pescadores.

Uma outra prática escapa ao controlo fiscal que se efectua no cais da lota no momento do desembarque do peixe. Trata-se do desvio de caixotes de peixe pelos próprios pescadores, para depois os venderem às escondidas fora da vila. Os pescadores carregam uma carrinha coberta com um toldo com alguns caixotes de peixe e vão vendê-los a uma dezena de quilómetros aos compradores que destinam o produto ao congelamento. À noite, é ao longo da beira-mar que as vendas fraudulentas se concretizam. Entre as três e as cinco horas da manhã, um homem, na caixa de um veículo, distribui caixotes de peixe às mulheres que vêm abastecer-se.

Mais bem controlada é a pesca do meixão – enguia no estado larvar (*Anguilla anguilla*, Linné, 1758) – que é praticada a pé na foz do estuário do rio Alcoa por todos os membros da comunidade.

A pesca do meixão foi, desde sempre, considerada pelas nazarenas uma forma de compensar a falta de renda provocada pela diminuição de ganhos no Inverno. Mais que uma actividade económica, a pesca do meixão

é uma prática social, familiar, que envolve homens, mulheres e crianças. Inicialmente, os exploradores deste negócio não eram obrigatoriamente profissionais de pesca. Eles não possuíam, quase nunca, uma licença e não eram matriculados, o que explica a presença das mulheres e das crianças. Antes de o porto ser construído, era praticamente impossível ao conjunto da flotilha nazarena passar a barra no Inverno, e algumas embarcações retornavam com os seus porões vazios. As mulheres e as crianças iam então pescar o meixão e a venda do produto do seu trabalho permitia-lhes dispor de algum dinheiro até que os homens retornassem às suas actividades no mar. Todos aqueles que estavam sem emprego, os pescadores reformados e as pessoas idosas, participavam também dessa pesca a fim de melhorar a sua fraca pensão de reforma, ou suprir a sua falta. Tratava-se, então, de uma actividade exercida principalmente pelos mais carenciados.

O período legal de pesca é muito curto – quatro meses, no Inverno –, e o valor destas capturas, muito elevado. Numa única noite, pode-se recolher cerca de cinquenta quilos. A maioria dos colectores fazem um contrato com um único comerciante que compra a totalidade do seu peixe. A transação concretiza-se sempre discretamente, nas traseiras de uma loja ou nas proximidades do rio. No dizer dos pescadores, essa discrição aumenta no caso de a transação ser feita por mulheres.

Desde o dia primeiro de Março, assim que a estação da pesca termina, o mercado negro substitui o oficial, o que na prática não muda muita coisa nos hábitos dos nazarenos. São os mesmos actores – pescadores(as) e peixeiros(as) – que continuam a exercer as suas actividades, só que ainda mais discretamente do que na véspera à noite.

Apesar da proibição, os nazarenos continuam a ir pescar o meixão em família. O capitão do porto tenta fazer com que as regras sejam respeitadas. No entanto, as chamadas à ordem tornam-se inúteis, visto que a população nazarena nega a qualquer autoridade o direito (legal) de reger uma prática costumeira que foge ao contexto tradicional da pesca marítima. A população entende que essa prática deveria ser regulamentada de acordo com o direito costumeiro em vigor. Aqueles que têm conhecimento destes procedimentos nunca procuraram opor-se aos mesmos, estimando que todos, um dia ou outro, já foram obrigados a recorrer a esses métodos ou recorrerão um dia. Essas práticas, que contornam as instituições oficiais, reflectem a necessidade imperiosa de adaptação às circunstâncias económicas difíceis.

O monopólio das “mulheres dos chambres”

A Nazaré é uma terra de turismo que se desenvolveu muito cedo. A sua situação geográfica privilegiada, no centro de uma das mais importantes

zonas turísticas do país – que inclui também Alcobaça, a Batalha, Fátima, Óbidos –, favorece o implemento de novas actividades. No início do século, a Nazaré beneficiou do interesse que as pessoas tinham pelos banhos quentes de mar, já que ali existiram dois estabelecimentos termais que atraíram uma clientela nacional. Mais tarde foi a belíssima praia da Nazaré que se tornou pólo de atracção, seduzindo turistas estrangeiros.

O turismo, tal como a pesca, é uma actividade económica de importância central na Nazaré. Em muitos aspectos ele influi, bem ou mal, na vida do conjunto de membros da comunidade. As mulheres estão particularmente bem situadas para assegurar o seu desenvolvimento, visto que estão em contacto permanente com o exterior. Quando comparado com a renda da pesca, o dinheiro resultante do turismo é facilmente ganho: o alto custo das hospedagens e da alimentação no Verão permite economizar muito dinheiro num espaço de tempo muito curto. Essa renda é reinvestida em bens de consumo que facilitam o dia-a-dia doméstico, como uma máquina de lavar. Os nazarenos entraram numa intensa competição para a conquista de novos símbolos de riqueza que lhes permitem manter ou melhorar a sua posição social e o seu prestígio: televisão, aparelhagem de som, carro ou carrinha.

Essa competição, que foi sempre conduzida pelas mulheres da comunidade, teve como resultado, numa primeira fase, alargar, no plano económico, o fosso entre as “pessoas da terra” e as famílias de pescadores, acentuando principalmente as diferenças. Actualmente, essa competição alcança todas as camadas sociais e as mulheres de pescadores não são as menos obstinadas na luta. Estas criaram um verdadeiro mercado negro de hospedagem turística, concorrendo fortemente com o mercado oficial.

No início dos anos 70, apareceram as “mulheres dos *chambres*” (quartos, em francês). Em determinada época do ano, os hotéis não conseguem responder à procura por parte dos turistas e as nazarenas da comunidade de pescadores descem pelas ruas e oferecem um quarto nas suas residências. Essas mulheres são fáceis de reconhecer: com a cabeça envolvida por um lenço e um xaile sobre os ombros, ficam sentadas no degrau da porta ou na rua, num banco de praia. Seguram na mão um cartaz, às vezes um simples pedaço de papelão fixo num objecto qualquer, que elas expõem à vista de todos, onde está inscrita a palavra “quarto” em três ou quatro línguas. As demais mulheres da comunidade limitam-se a deixar à vista uma tabuleta afixada na janela ou na varanda, deixando aos turistas a liberdade de informar-se por si mesmos. A estratégia mais corrente entre as famílias de pescadores – e também a prática mais antiga – consiste em recorrer ao aluguer da sua própria habitação. Durante o período de Verão, as famílias amontoam-se num dos compartimentos da casa para alugar os outros, ou vão

morar na cabana do pescador onde fica armazenado o material de pesca, as salmouras e o peixe:

Esse fenómeno do “*chambre*” é recente, visto que as mulheres, no passado, alugavam as suas casas inteiras e toda a família ia morar na cabana. Actualmente, ainda existem famílias que vão morar para esses depósitos cujo espaço é muito exíguo e moram lá sem condições de higiene e conforto. Outras chegam a alugar as suas próprias camas e dormem no chão da cozinha...

No início do Verão, 70% dos nazarenos mudam o seu modo de vida: “Hoje, um terço das famílias de pescadores sobrevive somente graças à pesca, os dois terços restantes vivem do turismo”.

Esses números são confirmados por Mendonsa (1982), que estima que em 1980 65,2% dos pescadores alugavam um compartimento aos turistas e 34,8% de não-pescadores faziam o mesmo⁶.

Os mais ricos deixam a vila, barulhenta demais, para viverem no interior das terras. Os demais permanecem na Nazaré. São principalmente as habitações construídas nos anos 30, no bairro central, com dois pisos, que são postas à disposição dos turistas. Alguns imóveis recentes, mais luxuosos, vêm completar o parque imobiliário disponível. Para os nazarenos, torna-se muito difícil hospedar-se durante o ano:

Os Nazarenos vivem em imóveis alugados por seis meses. De Maio a Outubro, os proprietários pedem-lhes para sair dos mesmos para alugá-los aos turistas por 100 mil escudos durante um mês de Verão (o triplo do preço convencional). Eles são obrigados a encontrar todos os Verões um outro apartamento. E quando se procura um imóvel para alugar no Inverno, muitas habitações encontram-se fechadas, vazias e os proprietários não respondem francamente que não as querem alugar, dizendo que devem ser reparadas. Com efeito, eles preferem não as alugar durante o Inverno para estarem livres durante o Verão. As rendas de Verão são tão caras que eles preferem ter a perda durante o Inverno, pois isso dá-lhes menos trabalho.

Na procura do cliente as mulheres dos pescadores usam toda a sua energia e toda a sua tenacidade.

Há ainda cinco ou seis anos, essas mulheres iam procurar os turistas até ao desembarque do comboio (a estação fica a 5 quilómetros da Nazaré) e estas interpelavam-nos mostrando-lhes o dedo: “Tu, para mim”, diziam elas. Se alguma delas pensava ter visto primeiro um turista, brigava com as demais que tentavam tomá-lo, gritando à frente do turista espantado.

⁶ Estudo realizado a partir de um painel de 104 indivíduos.

Alguns acreditavam mesmo que se tratava de prostitutas, pois essas mulheres diziam: “Tu queres dormir na minha casa?”, acompanhando a sua proposta com um gesto da mão contra o rosto. Depois elas acalmaram-se e, enfim, compreenderam que deveriam ser mais dóceis. Actualmente, vêm esperar os turistas ao desembarque do autocarro, no terminal da Nazaré, ou simplesmente podem ser vistas passeando ao longo da Marginal (nome dado pelos nazarenos à avenida à beira-mar). Sob cada pórtico, em frente de cada porta, está uma mulher tranquilamente sentada, com um cartaz onde está escrito “*chambre, zimmer, quarto, room*”. Às vezes elas abordam as pessoas que passam gritando: “quarto, duche, *parking*”.

Elas concorrem com os quartos de hotel:

Um quarto de hotel custa em média 5 mil escudos; elas alugam os seus, sem pequeno-almoço, por 3 mil escudos. Porém se elas propõem um *parking* ou se elas sabem que não existem quartos na cidade, não hesitam em propor os preços praticados nos hotéis.

Alugar um quarto tende a tornar-se um “comportamento social” porque as mulheres mostram assim que possuem um bem rentável:

Todas as famílias alugam no Verão o apartamento onde vivem ou acolhem estrangeiros se possuírem um compartimento livre. Se uma família tem um quarto vazio e não o alugar, passará por inconsciente, louca. As mulheres dos pescadores julgam que é uma promoção social o facto de se sentarem na rua com um papelão na mão (filha de pescador, 35 anos).

Mas revela também uma necessidade económica: “Alugar um quarto é uma fonte importante de rendimento para uma grande parte da população da Nazaré e isso será assim para sempre”.

O município tenta pôr ordem neste comércio. Primeiro porque é ilegal (não é autorizado e as mulheres de pescadores não declaram nunca os seus impostos), e depois porque isso dá uma imagem deplorável da vila. Às discussões das mulheres que disputam um cliente, vem juntar-se a falta de salubridade dos locais que alugam. Algumas não hesitam em alugar a preços proibitivos um espaço reduzido, sem janela nem água. No entanto, regulamentar essa prática é colocar em questão uma fonte de rendimentos essencial para as famílias de pescadores. Num artigo publicado no *Jornal da Nazaré*⁷, um jornalista exprime as suas dúvidas quanto ao sucesso do empreendimento, focando o “carácter explosivo dos nazarenos, ou pior, das nazarenas”, e realça que será precisa muita coragem para afrontar as últimas e resolver o problema. Há muito tempo que as estruturas hoteleiras não se

⁷ *Jornal da Nazaré*, Setembro de 1994.

mostram suficientes para satisfazer a procura. Naturalmente, as “mulheres dos *chambres*” aprenderam a tirar todo o proveito dessa situação. Houve um tempo em que essa prática se justificava, para fazer face à queda da renda pesqueira; porém, hoje em dia, os responsáveis municipais estimam que é tempo “de dar prioridade ao interesse colectivo, garantindo as condições de um turismo de qualidade; é o futuro do turismo desta cidade que está em causa”.

Para regulamentar estas actividades, o município tem em vista a criação de uma comissão de fiscalização e de regulamentação da prática, a fim de travar a concorrência das mulheres de pescadores que, exercendo esse comércio totalmente na ilegalidade, acabam por irritar os comerciantes possuidores de uma licença. Essas intenções municipais demonstram a importância incessante do crescimento turístico na economia local: sobre ele repousa, cada vez mais, o futuro da comunidade. É evidente que, num país pobre como Portugal, a economia depende bastante das receitas do turismo. Isto é ainda mais real para um porto como a Nazaré, onde existem grandes contrastes entre a vida no Verão, quando o turismo e as divisas afluem, e a vida no Inverno, período em que falta ganho devido ao encerramento de numerosos estabelecimentos comerciais e ao fraco equilíbrio da economia doméstica que o pequeno número de dias de pesca proporciona.

Conscientes de que o turismo é um novo factor económico, as mulheres adoptam todas as estratégias possíveis para tirar o melhor proveito da situação. Elas fazem da sua vila uma espécie de arena, onde a competição enraivece.

As mulheres e o poder do dinheiro

Quer se trate da venda do peixe, de tecer redes ou consertá-las, alugar um quarto aos turistas, ou ainda vender-lhes frutas secas, bonecas em trajes típicos, etc., as actividades paralelas, normalmente acumuladas, permitem às mulheres de pescadores ter uma renda regular, o que lhes proporciona autoridade sobre os seus maridos para gerir os bens domésticos.

Segundo as regras internas das comunidades marítimas, a contabilidade da indústria de pesca pode ser um dever das mulheres. É o caso notório das mulheres das comunidades de pescadores-lavradores da Póvoa de Varzim. Na Nazaré, elas limitam-se a gerir o salário dos seus maridos. A gestão da renda doméstica é uma das manifestações de poder das mulheres sobre os homens. Elas exigem que os seus maridos lhes entreguem integralmente o seu salário no fim de cada período de pesca, o que, à

primeira vista, torna os homens totalmente dependentes das suas esposas quando estão em terra:

Ela não pergunta nada ao seu marido quando este volta para casa com o seu quinhão, que lhe entrega. Mas depois ela vai sondar os companheiros de embarcação ou as esposas e se os pescadores respondem que ganharam mais do que lhe foi entregue pelo marido, quando ela regressa a casa, ralha-lhe!

Mesmo que as contas sejam feitas na maioria das vezes por um contabilista, as mulheres dos mestres detêm um maior controlo sobre as rendas da empresa. É tradição que elas assistam à entrega dos ganhos que se efectuam na cabana dos pescadores ou no domicílio do armador:

Na cabana existia uma mesa em torno da qual se sentavam o patrão, os companheiros e o contabilista. A mulher do mestre, de pé, acompanhava as contas. Quando as contas terminavam, a mulher saía e os homens bebiam um pichel de vinho que tinham ido buscar à taberna.

Esse acompanhamento exercido pelas mulheres, assim como essa apropriação das rendas dos pescadores não significa que os homens fiquem sem dinheiro. Em compensação, elas dão-lhes uma renda, uma mesada, para os cigarros, o café e a cerveja consumida na taberna. O restante do salário destina-se às contas das esposas. Mas os pescadores conservam, também, para seu uso pessoal, o bónus sobre o rendimento e outras gratificações que recebem diariamente, em espécie, na medida em que a situação económica da família lhes permita:

Somente o quinhão entra na bolsa da mulher, mas, por exemplo, o quarto de parte que é dado ao “chamador”⁸ ou aos vigias, geralmente é guardado por eles, e com esse dinheiro as mulheres não podem contar. No entanto, qualquer que seja o bónus que o pescador receba, a mulher dá-lhe dinheiro.

Os pescadores possuem as suas próprias estratégias para tentar aumentar o pecúlio sem que as suas mulheres o saibam. Embora seja raro, pode acontecer os pescadores irem vender a sua parte do quinhão de peixe na rua antes de retornar a casa. Guardam secretamente o produto desta venda, levando o restante do peixe para as suas esposas, que também se apressam a fazer o mesmo. Essa fonte de lucro escapa ao controlo das esposas, pois elas não possuem meios para verificar a quantidade de peixe capturado nem a eventual transacção de uma parte do peixe. Em contrapartida, dizem os

⁸ O pescador-chamador reorganiza em terra equipamento de pesca antes de “ir ao mar”.

pescadores, “o homem sabe exactamente quanto a mulher ganha, porque este conhece perfeitamente o preço do peixe!”. Os pescadores dizem com uma certa ironia: “os homens ganham o dinheiro, as mulheres gastam-no”. Na obra de Raúl Brandão (1923), a avareza das mulheres é descrita sem rodeios:

Há alguns anos, na ocasião de um naufrágio, alguns pescadores da Nazaré morreram. Foi feita uma subscrição para socorrer as necessidades das viúvas por um certo tempo. E as outras (mulheres) com inveja, haviam dito: ‘É uma pena que o meu não tenha morrido também...’, falando dos seus maridos.

Apesar das aparências, os homens afirmam que as mulheres sabem que o seu poder é limitado. É talvez esta a razão que faz com que os homens pensem que não têm nada a provar às suas mulheres quando estão em terra e lhes dêem total liberdade na organização interna do lar e na gestão dos bens da família:

Aliás, as mulheres governam, mas são os homens que têm o poder. Como se exerce este poder? É só pela sua existência: quer estejam em terra ou ausentes, só a sua existência no seio de uma família é o suficiente para impor a lei. As mulheres governam a casa, educam [os filhos] e ocupam-se das contas. Elas são muito livres, exuberantes, mas sabem quem é o chefe (pescador reformado).

As mulheres de pescadores são por vezes criticadas por conservarem a sua independência face aos maridos: “algumas mulheres – ou muitas delas – preferiam que os maridos partissem por seis meses para pescar bacalhau, para se sentirem mais desimpedidas: ser a única patroa a bordo”.

É certo que a imagem desse rude pescador recebendo da sua esposa alguns trocos para as suas despesas pessoais, magra recompensa de uma semana de labor, pode parecer ridícula, e até mesmo degradante para alguns observadores que fazem da posse do dinheiro o emblema do poder masculino. As mulheres têm, por sua vez, de lutar contra um inimigo – a ociosidade dos homens em terra, que os faz gastar todo o seu dinheiro na taberna.

Eles [os pescadores] ao deixarem as suas embarcações, dirigem-se à taberna e bebem. Frugais quando se trata de comida, eles desperdiçam quase tudo o que ganham, bónus e percentagens, com a bebida. Somente o salário regressa intacto a casa. Se as mulheres lhes batem [aos maridos]..., na verdade é bem feito; eles merecem... (Pastor 1958).

Se as nazarenas têm a reputação de estar a ganhar demais, é preciso, contudo, não esquecer que numa época ainda recente os membros da

comunidade de pescadores viviam miseravelmente. Os ganhos dos pescadores representavam apenas uma pequena parte da renda anual do lar. Como a pesca não garantia aos homens uma renda certa, eles deixavam, normalmente, às mulheres ou às famílias das suas esposas a responsabilidade da subsistência do grupo. É sobre elas que repousa o equilíbrio da economia familiar, principalmente durante os meses de Inverno, quando os pescadores permanecem em terra.

Um provérbio diz: “Até ao Natal o homem alimenta a mulher. Depois do Natal, alimente-a quem quiser”. Isso explica uma certa vulnerabilidade dos homens, cuja magra e irregular renda não pode competir com a das esposas. Um outro elemento vem reforçar esse sentimento de “insegurança” que os homens expressam, em comparação com a “força” das mulheres e com o seu modo de vida. O facto de ser fortemente desejada a sua ausência da residência matrilocal obriga-os a procurar um lugar de substituição, como um “segundo lar”. Fechando-se totalmente na taberna ao longo dos dias sem pesca, desligam-se definitivamente do mundo terreno, do mundo feminino, deixando as esposas apropriar-se do espaço no vilarejo e de todas as actividades que lá são executadas.

É verdade que, sem essa gestão rigorosa das esposas, famílias inteiras poderiam sofrer com a fome. Os nazarenos não conhecem somente os Invernos intermináveis, durante os quais os barcos não podem sair ao mar, deixando em terra centenas de homens desocupados. Eles suportaram as contrariedades de duas grandes crises da sardinha, nos anos 30 e 70, assim como as demais comunidades pesqueiras de Portugal e da Europa inteira. O peixe tinha desaparecido das costas. A flotilha nazarena, essencialmente da sardinha, foi desmantelada. Com a crise, pairava a fome. A troca, o crédito e as rapinas eram os únicos meios para sobreviver.

As mulheres da Nazaré conservam na memória esse passado de miséria e lutam a cada instante para que a sua família não conheça mais a fome. Isso explica a obstinação que depositam no ganho de dinheiro. Enfim, mesmo os homens reconhecem a importância do papel desempenhado pelas mulheres na gestão dos bens familiares – “não estão submetidos à ditadura feminina, apenas confiam nelas”, dizem eles:

As mulheres da Nazaré são, em comparação com as de outros portos, as únicas prevenidas. Elas guardam dinheiro para os dias terríveis. A diferença, em relação às dos outros portos, é que existe uma categoria de pessoas na Nazaré que pode assumir melhor uma crise, não encontrada em qualquer outra zona portuária. As mulheres da Nazaré estão lá para proteger o seu capital. Mas os homens, também. As mulheres da Nazaré sabem conservar o capital que o homem ganha e lhes entrega, pois o homem confia nelas. Elas ocupam-se da manutenção da casa, da educação das crianças, do marido e de gerir o capital.

Reconhecendo as virtudes das suas mulheres, os pescadores delegam-lhes todos os poderes. Não se trata, então, de uma tomada de poder pelas mulheres, mas de uma justa associação no interior dos casais.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Raul, 1923, *Os Pescadores*, Lisboa, Aillaut/Bertrand.

ESCALLIER, Christine, 1995, *L'Empreinte de la Mer: Identité des pêcheurs de Nazaré, Portugal. Ethnologie d'une communauté de pêcheurs*, Université de Paris X-Nanterre, thèse de doctorat, inedit.

MENDONSA, E. L., 1982, "Turismo e Estratificação na Nazaré", *Análise Social* XVIII (71), 311-329.

PASTOR, A., 1958, *Nazaré*, Lisboa, Livraria Portugal.

Christine Escallier

THE ROLE OF WOMEN IN THE FISHING ECONOMY OF NAZARÉ

In Nazaré, a port town north of Lisbon, a male-female dichotomy marks most aspects of collective life. Describing its forms and manifestations means to define relations between the groups delineated by the division of labour, and what the function of the division is. Women's participation in the economy of Nazaré has been fundamental over a long period. This participation is expressed through the omnipresence of activities related to the sea but carried out on land, where the products of fishing and their results escape the control of the fishermen. Women did all of the phases of the technical ladder, from the unloading of the product to its consumption, which passes through its transformation to its commercialisation. Given the unpredictable nature of fishermen's earnings, to this day, the earnings by women contribute to the family income, sometimes being its only source. Women are the ones who administer these funds, a situation which ratifies their power and which they use to perpetuate it. Fishermen's wives established a group of strategies to make money they saved for hard times. To this end, their competencies extended to other areas, in particular to tourism, which is the other important economic activity of Nazaré.

Departamento de Ciências da Educação
da Universidade da Madeira
Campus Universitário da Penteada 9000 Funchal